

ENTREVISTA COM IVO MARTINS, DIRETOR DO GUIMARÃES JAZZ

‘Não gosto que as vidas sejam apresentadas como exemplos a seguir’

MANUEL NETO, EX-EDITOR DA REVISTA “ACTO”, À CONVERSA COM IVO MARTINS, CONSULTOR PARA AS ARTES PLÁSTICAS DO CENTRO CULTURAL VILA FLOR E COLECIONADOR DE ARTE CONTEMPORÂNEA, RESIDENTE EM SANTO TIRSO

O Entre Margens desafiou Ivo Martins para uma entrevista. O diretor artístico do Guimarães Jazz, a residir desde sempre em Santo Tirso, mesmo assumindo alguma relutância em falar sobre si, não disse que não, mas propôs antes a publicação de uma “conversa informal” com alguém que tem acompanhado o seu trabalho na arte e na música, nomeadamente Manuel Neto. O resultado é o que se segue, após a apresentação de ambos.

Ivo Martins (1952) é o diretor artístico do Guimarães Jazz, função que desempenha há 15 anos. Trabalha, desde 2005, como consultor para as artes plásticas do Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães. É colecionador de arte contemporânea desde 1983 e realiza semanalmente um programa de divulgação de música improvisada na Rádio Universitária do Minho. Tem publicado regularmente textos ensaísticos em diversas revistas e sites. Exerce, atualmente, o cargo de consultor para a arte pública na Câmara Municipal de Guimarães - Mapa 2012 e irá colaborar com a Guimarães 2012 - Capital Europeia Cultura no âmbito da sua programação.

Manuel Neto (1982) foi o editor, entre 2002 e 2009, da revista Acto e colaborou, no mesmo período, com a Associação Cultural Tirsense. Tem publicado regularmente textos ensaísticos.

Manuel Neto: Ivo, viveste sempre em Santo Tirso, com exceção de algumas interrupções esporádicas. Podemos, no entanto, dizer que o teu percurso na música e na arte é marcado por uma distância em relação aos seus centros, uma espécie de militância da periferia e da marginalidade

da qual a tua cidade é o símbolo.

Ivo Martins: Isso nunca foi calculado, não houve nenhum plano. O que fiz na arte e no jazz nasceu sempre de um impulso e do prazer de fazer as coisas, uma necessidade de certa forma inexplicável. É verdade que com o tempo adquirimos a noção de que algo se construiu, que há um caminho percorrido, embora o meu tenha sempre acontecido em termos muito intuitivos e determinado por razões muito práticas. Nunca tive projetos ou planos de vida. Nesse sentido, a força de atração que existe para mim em Santo Tirso, e que fez com que nunca tenha querido sair daqui, tem a ver com isso mesmo, com o facto de esta cidade não me ser hostil, não me pressionar nem me obrigar a ter estratégias de afirmação ou projetos de sobrevivência como acontece em cidades maiores, que acabam por ser meios mais predatórios e ameaçadores da individualidade, algo que prezo acima de tudo.

O meu relacionamento com a dimensão local do lugar onde vivo passa também por um certo afastamento, que diz respeito à necessidade que tenho de estar num espaço onde me sinta anónimo e que ao mesmo tempo me permita estabelecer uma rotina quotidiana tranquila que me dê a liberdade necessária para fazer as coisas de que gosto.

Como é que surge a tua relação com a arte?

A arte surge na minha vida em primeiro lugar através da música. A minha ligação à música é muito forte e primordial... o jazz vem mais tarde, e é como uma derivação dessa relação profunda com a música, uma aproximação mais complexa e compreensi-



IVO MARTINS FOTOGRAFADO POR JOANA DE DEUS

va. Depois surgiu, também por causa da convivência com o meu pai, a imagem e a compreensão dos processos de fazer arte, em particular a pintura, que me trouxe a noção de que é possível alguém criar realmente alguma coisa que depois existe por si própria no mundo. Posteriormente aparece um interesse pela leitura como uma espécie de fuga para o interior, uma sensação de resgate que me trazia uma ideia de totalidade e plena integração no mundo através das coisas que ia lendo e retendo... essa é uma memória de infância da qual ainda guardo um vestígio remoto.

No entanto, desenvolveste essa relação inicial, percetiva e solitária noutros níveis, nomeadamente em função do teu trabalho de programação e da tua atividade enquanto colecionador, que te convocam e exigem de ti uma atitude diferente, mais socializada e participativa.

Através da arte, ou mais propriamente da aquisição de obras de arte, desejo estabelecer uma estratégia de sobrevivência. Sei que ao sentir uma vontade ardente de possuir determi-

“A força de atração que existe para mim em Santo Tirso, e que fez com que nunca tenha querido sair daqui, tem a ver com o facto de esta cidade não me ser hostil, não me pressionar nem me obrigar a ter estratégias de afirmação ou projetos de sobrevivência”

“Sei que ao sentir uma vontade ardente de possuir determinada coisa, o meu interesse inicial por ela vai diminuir de forma drástica e decair rapidamente para o esquecimento alguns dias depois de eu a ter comprado ou usado”

nada coisa, o meu interesse inicial por ela vai diminuir de forma drástica e decair rapidamente para o esquecimento alguns dias depois de eu a ter comprado ou usado. Tenho de experimentar soluções que me impeçam de ser completamente assimilado por este sistema que fomenta uma espécie de obsessão consumidora e aquisitiva sobre todo o tipo de objetos. Os mecanismos de consumo desativam as imaginações e o imaginário aparece muito mais forte quando é capaz de anteciper o prazer da posse. A possibilidade de eu poder imaginar o gozo que vou sentir ao possuir determinada coisa, que no seu início resolve aparentemente os problemas da sua incapacidade de me satisfazer a longo prazo, vai-se debilitando com o seu uso, para desaparecer no momento em que surge de novo um maior interesse em adquirir. O drama que se apresenta na impotência de nos elevarmos relativamente à vulgaridade da vida e à necessidade de consumir, obriga-me a desenvolver formas mais complexas e subjetivas de

[continua na página seguinte]

J·O·R·G·E
OCULISTA
 www.jorgeoculista.pt
VILA DAS AVES
 Av. Silva Araújo, 9011
 Telefone: 252 872 360

NARCISO & COELHO
 ALUMÍNIOS . FERRO . INOX
 Rua da Indústria, 24 - 4795-074 Vila das Aves
 telefone 252 820 350 | fax 252 820 359
 e-mail: narcisocoelho@sapo.pt

Lage
 RESTAURANTE
d'Água
 Av. João Paulo II | 4795-166 REBORDÕES | Santo Tirso
 T. 252 858 630

Morreu o “feiticeiro da palavra”, Ademar Santos

NO PASSADO FIM DE SEMANA A NOTÍCIA APANHOU MUITA GENTE DE SURPRESA. ADEMAR FERREIRA DOS SANTOS, NASCIDO A 9 DE DEZEMBRO DE 1952, TINHA “PARTIDO”. O ANTIGO DIRETOR DA ESCOLA DA PONTE DEIXA UM ESPÓLIO DE PENSAMENTOS E NA MEMÓRIA A SUA PERSONALIDADE PECULIAR.

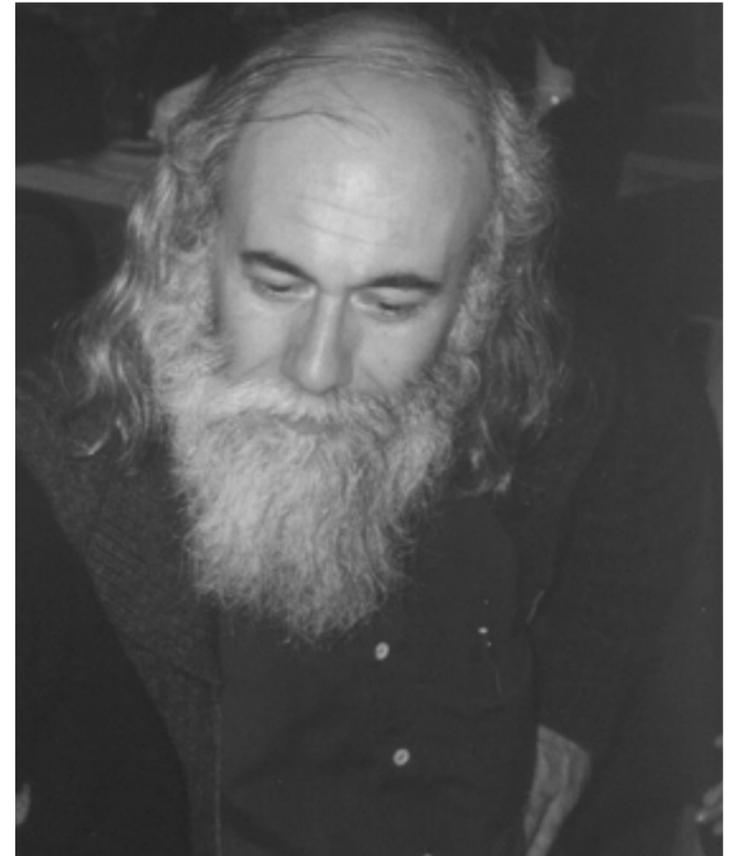
|||| TEXTO: CATARINA SOUTINHO

“Alguns amigos, estranhando o silêncio, perguntam-me se morri. Não tenho passado bem, mas não morri. Espero ressuscitar... A todos, agradeço a preocupação...” Foram estas as últimas palavras que Ademar Santos escreveu no seu blog, o “Abnoxio”.

Ademar Santos nasceu em Braga e licenciou-se em direito na Universidade de Coimbra. Durante a sua vida foi professor, escritor, pensador, jornalista (colaborou com o jornal Expresso), e um provocador inato. Descrito pelo escritor brasileiro Rubem Alves como o “feiticeiro da palavra”, publicou em 2003 uma coletânea de poemas, sob o título “Descansado do Futuro”. Em Santo Tirso é mais conhecido por ter sido presidente da direção da Escola da Ponte, na Vila das Aves.

Em declarações ao Entre Margens, José Pacheco, o mentor do projeto da Escola da Ponte, assinala a partida de Ademar com pesar. “Há pessoas de quem posso discordar, mas que respeito profundamente. Podem ter ideias e atitudes diferentes daquelas que eu assumo, mas são pessoas nas quais reconheço dignidade.” Começa por assinalar José Pacheco, relembando o percurso do colega. “Na Escola da Ponte, a ação do Ademar teve dois momentos: um tempo em que se integrou no projeto e um outro tempo em que, por diferença de critérios, se distanciou. Porém, creio que o seu labor na nossa escola deixou marcas e foi, de algum modo, útil. Um projeto é feito de múltiplos contributos, de diferentes pessoas, e também de olhares discordantes...”

Em nome da Escola da Ponte a gestora Eugénia Tavares, num brevíssimo testemunho, começa por citar um poema do próprio Ademar Santos: “(...)E não me obrigues a ler os livros que eu ainda não adivinhei / nem queiras que eu saiba o que ainda não sou capaz de interrogar / Protege-me das incursões obrigatórias que sufocam o prazer



da descoberta / e com o silêncio (intimamente sábio) das tuas palavras e dos teus gestos / ajuda-me serenamente a ler e a escrever a minha própria vida”. E perante isto, Eugénia Tavares admite que o “contributo que Ademar Ferreira dos Santos” deixou na escola de Vila das Aves “está para além destas palavras que refletem a sua forma de ser, de ver, de estar na escola, na Escola da Ponte e na vida. Ademar deixa-nos, sem dúvida, uma grande lição: liberdade.”

De abnoxio (inocente) Ademar Santos teria muito pouco, e para quem acompanha a blogosfera, certamente que a partir de agora se sentirá órfão dos comentários, pro-

José Pacheco: “O que posso dizer? Que sentirei a falta da coragem e da frontalidade que punha naquilo que fazia”

vocações, poesia, música e constatações que várias vezes por dia partilhava com os seus leitores. José Pacheco, a residir em S. Paulo no Brasil, explica que após a saída de Ademar Santos da Escola da Ponte, acompanho-o através da sua “produção escrita.” Acrescentando que “lia o seu blog, na internet, as suas denúncias da triste educação que ainda se faz por aí, e os seus comentários sobre a triste política que ainda se faz em Portugal.” Conclui o seu comentário à morte de Ademar com um categórico “O que posso dizer? Que sentirei a falta da coragem e da frontalidade que punha naquilo que fazia.”

Até ao momento o Entre Margens não conseguiu apurar as causas da sua morte. O funeral realizou-se esta quarta-feira, 25 de maio. Ademar Santos parte com apenas 58 anos. Deixa no entanto para a posteridade os seus poemas, textos e pensamentos. Alguns deles podem ainda ler-se em abnoxio.weblog.com.pt |||||

compreensão, quanto mais não seja para poder fugir à simplicidade do gosto corrente e à banalização dos atos de consumo. Dito isto, os livros, os discos, os filmes ou obras de arte fazem-me sentir muito menos incomodado com a sua aquisição do que outros objetos que considero mais supérfluos, porque no fim de contas retiro algumas vantagens deles, entre elas as mais variadas possibilidades de aumentar a minha capa-cidade de compreensão e entendimento do que me rodeia, e de ir construindo uma linguagem própria e individual.

A cultura é neste sentido um elemento essencial à tua forma de viver. Não tens um formato fechado nas várias atividades que realizas, e daí transparece uma vontade essencial em não te especializares, em envolvereste em várias frentes e trabalhares com diferentes formas de expressão artística (artes plásticas, música, pensamento)...

Interessa-me a ideia antiga de um conhecimento universal e transdisciplinar, transversal a todas as formas de experiência do mundo, o saber que releva um aprofundamento da existência e uma espessura da experiência, e que nos permite viver melhor e dá mais sentido à vida. Existem várias formas compartimentadas de conhecimento, inserido e influenciado por estruturas e sistemas organizativos (técnico-científico, académico, religioso etc.) e embora reconheça a sua importância, não tenho por eles grande interesse. Este tipo de conhecimento orientado sana problemas muito pontuais, mas não ajuda a solucionar o grande problema que é a existência por si só, nem exige grandes respostas sobre a melhor maneira de se estruturar uma sociedade na qual as pessoas possam desenvolver livremente todas as suas potencialidades. Desejo fomentar um total desprendimento pelo conhecimento que vou adquirindo, porque me deixa mais livre para enfrentar o futuro; deste modo, não valorizo a exaltação concentrada de uma atividade, de um saber ou de qualquer tipo de conhecimento parcelar. No saber apoiado nos princípios da estética, da verdade e da inteligência, acrescenta-se permanentemente mais conhecimento útil sobre um texto que é universal, e que vai acumulando e sintetizando todos os nossos pequenos contributos em mais e mais sabedoria. Através deste tipo de entendimento mais complexo e abrangente, e menos implicado ou focado numa ou noutra vertente da vida humana, consegue produzir-se uma narrativa sobre o trajecto do Homem através dos tempos,

uma aspiração passível de fornecer densidade humanística à vida, coisa que só com a passagem do tempo se pode determinar, mas que vai ajudando à construção do indivíduo...

O confronto com a improbabilidade e a singularidade do teu percurso levanta, para quem está de fora, algumas questões e perplexidades, na medida em que não é enquadrável ou formalizável segundo os parâmetros habituais. Como descreverias o conjunto das tuas opções e formas de relação com o mundo?

Não me agrada a ideia de balanço de vida nem gosto que as vidas sejam apresentadas como exemplos a seguir e muito menos propor-me como exemplo do que quer que seja. Tento contrariar a tendência para cair na vulgaridade e no egocentrismo dos atos públicos. Ao nível das ideias, o vulgar não tem matéria de expressão para se tornar visível, e um percurso feito de opções sérias e decisões reflectidas não pode ser reduzido simplisticamente a formas fáceis, simpáticas e inocentes de estruturação de um discurso pessoal. Quando se trabalha a nível das ideias e da abstracção, o imaterial traz automaticamente perda de sentido e ligeireza no significado, porque não é possível representá-lo simbolicamente através do discurso curricular ou biográfico de uma existência. Não se deve subestimar os perigos da ligeireza, da facilidade e do lado ingénuo das representações individuais, porque o tempo passado nestes processos de afirmação corrompe a verdade e a profundidade daquilo que andamos a construir seriamente. Acredito que dificilmente encontrarei uma solução eficaz e humanamente autêntica, capaz de sintetizar todo o trabalho que realizei, uma vez que tudo aquilo que me resta desse esforço que foi tornado público, é uma ínfima parte do meu trajecto individual, feito também de muitos erros e fracassos. As opções encerram muito mais rejeições do que escolhas e as escolhas feitas representam muitas vezes uma pequena parte de um exercício de selecção que somos obrigados a fazer. O que se torna visível pode ser muito pouco e não dar uma dimensão correcta sobre a vastidão do que desenvolvemos ao longo do tempo. Utilizar a retórica fácil e utilitária para nos descrevermos é desvirtuar esse trabalho que, para ser profundo e autêntico, tem de arrastar consigo uma carga temporal sempre inacessível e uma persistência íntima e pessoal, que apenas pode ser alcançada através de uma existência focada na aprendizagem e na compreensão. |||||

* Contabilidade
* Seguros
* Crédito Habitação

Praça de Bom Nome, Bloco 4, 161
4795-025 Vila das Aves
Tel: 252 872 438
Fax: 252 871 412
E-mail: segcontas@mail.telepac.pt

Castro & Castro
Gabinete de Contabilidade

